



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ADRIANI CAROLINI LAMBERT SIQUEIRA  
RENATA GAMA MAGNO

**EXPLORAR MEMÓRIA E REVIVER HISTÓRIAS:  
LADRÕES DE MARABAIXO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

MACAPÁ  
2023

ADRIANI CAROLINI LAMBERT SIQUEIRA

RENATA GAMA MAGNO

**EXPLORAR LEMBRANÇAS E REVIVER HISTÓRIAS:  
LADRÕES DE MARABAIXO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de História como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciada em História pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmentilla das Chagas Martins

MACAPÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

---

S618 Siqueira, Adriani Carolini.

Explorar memórias e reviver histórias: ladrões de marabaixo no ensino de história / Adriani Carolini Lambert Siqueira, Renata Gama Magno. - Macapá, 2023. 1 recurso eletrônico. 50 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de História , Macapá, 2023. Orientadora: Carmentilla das Chagas Martins.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Ladrões de Marabaixo. 2. Ensino de História. 3. Identidade. I. Martins, Carmentilla das Chagas, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá . III. Título.

CDD 23. ed. – 370

Eu, Adriani, dedico este trabalho à minha avó  
Maria Lambert (*in memoriam*).

Eu, Renata, dedico este trabalho ao meu pai  
Pedro Machado Magno (*in memoriam*).

Dedicamos este trabalho ao nosso professor  
Carlos Alberto Viana Marques (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por nos proporcionar este momento ímpar em nossas vidas. Chegamos ao final desta etapa acadêmica com a certeza de que não estávamos sozinhas. Obrigada, Deus, por nos permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Eu, Adriani, agradeço à minha família pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis e por compreenderem a minha ausência enquanto estava me dedicando à realização deste trabalho. Agradeço aos meus santos protetores que nunca me abandonaram nas horas de desespero pelas quais passei durante esta longa caminhada.

Eu, Renata, agradeço à minha família, em especial à minha irmã Fabiele da Gama Magno, que me inspira, me faz ter vontade de melhorar a cada dia e alçar voos “como passarinhos soltos a voar dispostos” (trecho de uma canção que ela adora, “Passarinhos”, interpretada por Emicida e Vanessa da Mata) e que em suas longas conversas me faz perceber que “a vida pode ser bonita”, como ela mesma diz.

Agradecemos ao professor Carlos Alberto Viana Marques (*in memoriam*) pelos ensinamentos em sala de aula com tamanha maestria e pelas trocas de experiências de vida. O senhor nos fez enxergar que o fazer docente pode ser simples e prazeroso.

À nossa orientadora Carmentilla das Chagas Martins, que em muitos momentos foi mais que uma orientadora, enxergando nossas dificuldades e, acima de tudo, sendo sensível com as particularidades de cada uma.

Ao professor Bruno Rafael Machado Nascimento, que leu as primeiras reflexões sobre este estudo. Suas sugestões foram essenciais para o andamento da pesquisa.

Aos professores e professoras do colegiado de História, especialmente Iza Guimarães, Simone Garcia, Maura Leal, Karol Diniz, Alexandre Cruz, Sidney Lobato e Giovani da Silva, pelas valiosas contribuições dadas nessa trajetória acadêmica.

À Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), por ter uma equipe que demonstra estar comprometida com a qualidade e excelência do ensino.

Para terminar, agradecemos a todos e todas que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho, enriquecendo o nosso processo de aprendizado.

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa os *ladrões de marabaixo* no Ensino de História, com a finalidade de apresentar a música como recurso didático em sala de aula. O que se almeja é conhecer o uso da música como recurso didático nas aulas de História do Amapá. O recorte temporal é do período de modernização da cidade de Macapá, no governo de Janary Gentil Nunes (1943-1955). Tal temática busca enfatizar e dar significados à trajetória dos afrodescendentes que fizeram parte desse contexto histórico, em que a memória e a identidade desse grupo são transmitidas por meio da musicalidade presente nos ladrões. O caminho metodológico que orientou a construção deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e documental, além de entrevistas informais. A metodologia se dá por meio da sequência didática composta por seis encontros com apresentação de conteúdos e elaboração de atividades, com o intuito de apresentar a importância da construção da identificação dos discentes como agentes históricos.

**Palavras-chave:** ladrões de marabaixo, ensino de História, identidade, memória.

## **ABSTRACT**

This work uses as a research object “Thieves of Marabaixo” (Ladrões de Marabaixo) in History Teaching, to present the music as a didactic resource in the classroom. The objective is to acknowledge the use of music in the History of Amapá classes. The temporal cut is from the modernization period of the city of Macapá, in the government of Janary Nunes (1943-1955). Such theme aims to emphasize and give meanings to the trajectory of the Afro-descendants, who took part in this historical context, where this group’s memory and identity are transmitted through the musicality present in “Thieves of Marabaixo”. The methodological path that guided the construction of this work was the documentary bibliographical research, in addition to informal interviews. The methodology takes place employing the didactic sequence made up of six meetings with content presentation and activity elaboration to present the importance of constructing the identification of the student as a historical agent.

**Keywords:** Thieves of Marabaixo, History Teaching, Identity, Memory,

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 A MÚSICA COMO RECURSO NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL .....</b>	<b>11</b>
2.1 NA TRILHA SONORA DA HISTÓRIA .....	11
2.2 A MÚSICA SALA DE AULA .....	13
<b>3 MARABAIXO É MÚSICA! .....</b>	<b>18</b>
3.1 O MARABAIXO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E IMATERIAL .....	25
3.2 IDENTIDADE E MEMÓRIA NA TRADIÇÃO DO MARABAIXO .....	28
<b>4 LADRÕES DE MARABAIXO: RECURSO DIDÁTICO .....</b>	<b>31</b>
4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	33
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, é proposta a utilização da música como recurso didático no ensino de História. Nas palavras de Circe Bittencourt (2011), o trabalho docente inclui a escolha de conteúdos significativos, que com métodos e recursos didáticos diversos se adequam às diferentes condições sociais e culturais dos estudantes. Esse caminho leva os alunos e as alunas a reconhecerem a História não como um passado fixo, mas como parte do seu cotidiano, formulando indagações do seu presente e passado, dando significado aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

A pergunta norteadora desta pesquisa é a seguinte: é possível utilizar a música como recurso didático no ensino de História? Em tal sentido, este trabalho pretende conhecer o uso da música no ensino de História do Amapá, por meio dos **ladrões**<sup>1</sup> de Marabaixo. O recorte temporal é o contexto da modernização da cidade de Macapá, no período de Janary Gentil Nunes, primeiro governador do Amapá (1943-1955). Nessa época, a população afrodescendente do centro de Macapá foi remanejada para as áreas periféricas (OLIVEIRA, 2015). Tal temática busca enfatizar a memória dos afrodescendentes, que fizeram parte desse contexto histórico por meio da musicalidade presente nos ladrões.

É nesse caminho que a utilização da música para conhecer a história local é um recurso que proporciona aos alunos e às alunas compreenderem os contextos históricos em sala de aula de maneira significativa e, principalmente, identificarem o lugar em que estão inseridos, conseguindo localizar-se no tempo e no espaço. Nessa perspectiva, Peter Lee (2006, p. 136) concede o conceito de literacia histórica, afirmando que:

Uma primeira exigência da literacia histórica é que os alunos entendam algo do que seja história, como um “compromisso de indagação” com suas próprias marcas de identificação, algumas idéias características organizadas e um vocabulário de expressões ao qual tenha sido dado significado especializado.

Parte das expressões que Lee (2006) escreve sobre conceber significados diz respeito ao passado, reforçando que este não pode ser um acúmulo de informações, mas deve servir para orientar os discentes a entenderem os eventos históricos como parte do nosso cotidiano. Isso é possível se esses discentes se identificarem com os conteúdos e, principalmente,

---

<sup>1</sup> **Ladrões** são os versos cantados do marabaixo, eles carregam histórias de vida e aspectos cotidianos de seus compositores. É de conhecimento dos que participam da tradição que tal denominação se dá pela forma em que os versos são entoados, em que uma segunda voz canta o verso seguinte, roubando, assim, a vez da anterior.

entenderem que eventos históricos se interligam e a memória de tais processos é transmitida pelos sujeitos que a vivenciaram.

O caminho metodológico que orientou a construção deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que Maria Margarida Andrade (2010, p. 15) caracteriza como “habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas”. A pesquisa documental foi composta pela Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares, com a intenção de valorização da cultura; pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) –; e pelo Referencial Curricular Amapaense (AMAPÁ, 2018). Também foram utilizadas entrevistas informais, que, de acordo com Antônio Carlos Gil (2008), são uma técnica o menos estruturada possível e só se distinguem da simples conversação porque têm como objetivo básico a coleta de dados.

Sobre a pesquisa documental, é essencial fazer algumas considerações sobre cada um dos componentes que a integram, pois todos têm como premissa a regulamentação e direcionamento do que vai ser trabalhado na educação escolar e, por conseguinte, no ensino de História, a exemplo da BNCC (BRASIL, 2017), que rompeu com o tradicionalismo na História (RALEJO; MELLO; AMORIM, 2021).

A Lei nº 10.639/2003, “que altera a lei n 9.394 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003, *caput*), é considerada um marco na educação brasileira no que diz respeito à diversidade do ensino de História, ao se trabalhar com culturas e povos diversos. A lei passou por um longo caminho até a sua promulgação: sua aprovação foi em 1999, sendo promulgada em janeiro de 2003 pelo então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (PEREIRA; SILVA, 2012). Após 20 anos, os desafios permanecem.

A BNCC é um documento curricular desenvolvido pelo Ministério da Educação para toda a educação básica (BRASIL, 2017), conforme previsto no artigo 210 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2016) e no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 (BRASIL, 1996). Sua promulgação se deu em 2017, porém a trajetória de sua formulação é de longa data. Sua elaboração cumpre as leis educacionais vigentes no Brasil e contou com a participação de entidades representativas de diversos segmentos da Educação Básica, como nas esferas federal, estadual e municipal, das universidades, escolas, instituições, professores e professoras.

Reconhecendo as especificidades da história local, adota-se como suporte o Referencial Curricular Amapaense (RCA), que funciona como ente legal orientador do estado

do Amapá e segue as orientações das diretrizes curriculares nacionais. É um dos documentos auxiliares que têm como estratégia melhorar a educação amapaense (AMAPÁ, 2018). Há o RCA Educação Infantil e Ensino Fundamental (RCA-EIEF), no qual nos baseamos para este trabalho, e o RCA do Ensino Médio (RCA-EM). Este primeiro foi elaborado “através do Regime de Colaboração entre Estado e Municípios, e atende todas as escolas públicas (estaduais e municipais) e privadas, da Educação infantil e Ensino Fundamental nos anos iniciais e anos finais” (AMAPÁ, 2018, p. 8).

Já o RCA-EM, funcionando como um guia educacional para o ensino-aprendizagem no estado, teve sua última produção no ano de 2020-2021. O documento contou com a participação de 24 redatores que se dedicaram a elaborar cada ponto do novo referencial. Cabe aqui uma menção honrosa à participação como redator da área de Humanas, dentro do componente curricular de História, do professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Carlos Alberto Viana Marques. Nascido em 29 de outubro de 1970, formou-se em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em Direito pela UNIFAP. Em 1993, iniciou sua carreira como educador, entrando para o quadro estadual de ensino e lecionando no Colégio Amapaense, instituição à qual se dedicou por mais de duas décadas. Em 1994, passou a integrar também o quadro federal de professores do Departamento de História da UNIFAP, permanecendo até o final de sua trajetória. Professor Carlinhos, como era chamado carinhosamente, deixou um legado como um dos mais conceituados professores da educação básica amapaense, a concretização de sua concepção sobre o que mais prezava em ser professor: “o exercício do magistério deve ser feito com amor”<sup>2</sup>.

Diante do que foi apresentado até então, o objetivo geral desta pesquisa foi conhecer o uso da música como recurso didático nas aulas de História, repassando os conhecimentos de maneira significativa. Os objetivos específicos são apresentar a musicalidade dos ladrões de marabaixo e identificar nas composições dos ladrões aspectos da memória e da identidade afrodescendentes, além de construir uma sequência didática com conteúdos que fazem parte do cotidiano discente.

O referencial teórico deste trabalho foi composto por autores como José Vinci Moraes (2000), Marcos Napolitano (2002), Martins Ferreira (2010), Circe Bittencourt (2011), Célia Maria David (2012) e Olavo Soares (2017), entre outros que abordam a temática da música nos aspectos social e educacional. Em relação ao contexto da modernização da cidade de

---

<sup>2</sup> Indica-se o vídeo “Professor Carlos Alberto fala sobre sua profissão e entusiasmo com a educação”. Disponível em: <https://youtu.be/pqSJA5ZQNHU>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Macapá destacamos as contribuições de Maura Silva (2007), Sidney Lobato (2013), Paulo Cambraia da Costa (2018), Bruno Nascimento (2020) e Piedade Videira (2020).

O intuito deste trabalho foi elaborar uma proposta de sequência didática para ser utilizada nas aulas de História tendo os ladrões como recurso didático; como público-alvo, os alunos e as alunas do 9º ano do ensino fundamental; e como justificativa, a necessidade de um ensino de História voltado para o uso de recursos didáticos que priorizem o ensino-aprendizagem de caráter significativo.

Esta produção dividiu-se em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O capítulo intitulado “A música como recurso didático no ensino de História local” abordou a importância e a necessidade de inserir a música nas aulas de História, buscando meios para que os professores deixem suas aulas mais significativas e manifestem por meio da música o prazer e o interesse de estudar História. Essa etapa expôs os aspectos conceituais da música e seu uso como recurso pedagógico no processo ensino-aprendizagem.

No capítulo seguinte, “Marabaixo é música!”, apresentou-se um panorama sobre a contextualização histórica da cidade de Macapá, o processo de modernização da capital a partir da criação do Território Federal do Amapá e a relação do marabaixo que surgiu nesse contexto, tanto como tradição quanto como resistência. Por fim, o capítulo “Ladrões de marabaixo: recurso didático” apresentou uma sequência didática que foi objeto de estudo e de reflexão como uma proposta para ser utilizada nas aulas de História.

## 2 A MÚSICA COMO RECURSO NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Neste capítulo enfatizou-se o processo de ensino-aprendizagem e o uso da música na sala de aula, tendo a finalidade de proporcionar aulas mais significativas aos alunos e alunas. A utilização da música como recurso didático no ambiente escolar proporciona vantagens no processo de ensino-aprendizagem porque auxilia os estudantes a desenvolverem habilidades importantes como a criatividade, o pensamento reflexivo e a autoidentificação (SANTOS, 2014). Vale ressaltar que esse recurso deve ser utilizado como forma de complementar (e não de substituir) o livro didático, pois o intuito é melhorar a aprendizagem dos estudantes.

### 2.1 NA TRILHA SONORA DA HISTÓRIA

Já parou para pensar nas histórias contadas por meio de nossas músicas preferidas? Provavelmente temos músicas que marcam momentos importantes ou que preferimos a letra, a melodia e/ou artista. Em síntese, a música consegue unir um grupo de pessoas. Para perceber o real poder das composições musicais nesse processo de ensino-aprendizagem, é importante que se saiba a sua origem.

De acordo com a professora Célia Maria David (2012), muitas experiências realizadas com música, literatura, cinema e outras linguagens revelam a possibilidade de se confrontar a chamada linguagem oficial com outras que, muitas vezes, são desprezadas. Produzida pelo ser humano e (re)apropriada cotidianamente, a música é construtora e veiculadora de representações sociais, apresenta um rol enorme de possibilidades de usos e interpretações. Por todas essas razões, pode ser tomada como um recurso didático privilegiado no ensino de História.

Segundo Bréscia (2003), a música é uma linguagem universal, presente desde as primeiras civilizações, e utilizada, geralmente, como elemento recreativo e festivo. No livro *Como usar a música em sala de aula*, Martins Ferreira (2010) evidencia que a música é como arte de combinação dos sons e crê que é um recurso tão antigo quanto o ser humano, pois a comunicação verbal é uma sequência de combinações sonoras e, portanto, em certa medida, esse ato de transmitir informações poderia ser considerado uma canção. O músico e compositor João Marcondes (2021) afirma que a música *a priori* é aquela que utiliza apenas da oralidade para que ocorra, em criação, execução e transmissão. Esse último aspecto possui

uma característica marcante, pois carrega representações e significados que geralmente estão atrelados a uma dança ou fazem parte de determinada cultura.

José Vinci Moraes (2000) considera a música como uma rica fonte para compreender certas realidades da cultura e desvendar as histórias dos setores da sociedade pouco lembrados pela historiografia. Em contrapartida, a música, para o professor Marcos Napolitano (2002), é utilizada no binômio documento-canção; trata-se a música como fornecedora de indicações de mudanças sociais, como se fosse uma tradução dos dilemas nacionais e veículo de utopias sociais. Contudo, também menciona a música como um documento histórico, não apenas o seu arranjo sonoro, mas um recurso possível de ser explorado na sala de aula. Entendemos que a música é uma fonte pela qual o conhecimento histórico circula e é, também, uma produção cultural, que possui sua historicidade.

O século XX foi a época mais fértil para essa área, pois foi nesse período que surgiram vários estilos musicais e diversas inovações. Foi assim que se descobriram grandes compositores de todos os estilos, ao mesmo tempo que a tecnologia surgia na vida das pessoas, o que facilitou demasiadamente o processo de gravação e reprodução musical. Por se caracterizar como um meio de expressão e de comunicação, pois no decorrer da História o ser humano construiu a música como sua linguagem artística; com o surgimento de novas tecnologias, como o rádio, expandiu-se, deixando de ser considerada como um recurso de lazer e passando a ser um trabalho assalariado (FERREIRA, 2010).

De acordo com Bittencourt (2011), geralmente ouvimos músicas em momentos de lazer, mas quando é utilizado na sala de aula ocorre uma transformação intelectual. Vale ressaltar que há uma diferença entre ouvir e pensar na música. As composições musicais são um mecanismo motivador que contextualiza e propõe uma reflexão acerca de determinada temática, mas também possibilita o aprimoramento do conhecimento e contextualiza o indivíduo pela cultura do cotidiano.

A música consegue exercer determinadas funções em áreas sentimentais do cérebro, proporcionando certas mudanças e estímulos. Para Bush (1995), ela ajuda a realizar uma ligação com uma vasta série de sentimentos e emoções, ao mesmo tempo que amplia o potencial de soluções criativas para resolver os problemas existentes. Nesse sentido, ressalta-se de forma clara que a utilização da prática pedagógica envolvendo música possibilita o reconhecimento e a preservação de heranças culturais, sendo de extrema importância para consubstanciar quem somos e de quem descendemos diretamente.

Ao fazer uma leitura crítica sobre a música, torna-se perceptível que esse recurso está presente em todos os momentos da sociedade, é só observar e prestar atenção. Lembremo-nos

das músicas “chiclete”, na publicidade; os cantos de torcida, no ambiente esportivo; as cantigas de ninar, no círculo familiar, entre outros. Em suma, a música é um meio de comunicação pelo qual é possível transmitir variações de sentimentos e demonstrar situações do cotidiano que podem ser utilizadas na sala de aula.

## 2.2 A MÚSICA SALA DE AULA

A partir das observações teóricas expostas, é possível refletir acerca das práticas escolares em que se inclui a música. O professor Ferreira (2010) cita que as músicas são produtivas para aprender/estudar em sala de aula, porém muitos professores, quando usam esse recurso, analisam apenas as letras, esquecendo-se de que é um material mais específico da área de literatura do que propriamente da música. É importante também ressaltar que os docentes devem discutir com os alunos a respeito dos contextos históricos que impulsionaram a criação da composição.

A música, por ser universal, faz parte do cotidiano da maioria das pessoas, independentemente do lugar, identidade cultural ou classe social. Não é preciso dominar formalmente os conceitos e componentes da linguagem musical para identificar, por exemplo, que determinada canção pode ter sido escrita motivada por um acontecimento social, um processo histórico ou até mesmo como forma de resistência a uma cultura dominante. Para Célia Maria David (2012, p. 15):

Cada civilização, cada grupo social tem sua expressão musical própria, nesta perspectiva a linguagem musical caracteriza-se como uma fonte que se abre ao pesquisador, de cujos registros a Historiografia tradicional não se deu conta. Importa perguntar o que ela significa para nós e para determinado tempo histórico, ademais, o que esta arte tem sido para os homens de todos os tempos e lugares.

O professor de história, obviamente, teria o papel de situar os alunos a respeito dos elementos pertinentes à análise histórica, ou seja, teria de ressaltar questões ligadas ao contexto histórico de produção da canção e os agentes históricos envolvidos no processo, bem como as motivações implícitas e explícitas presentes na composição. Para Paulo Freire (1980 *apud* BUENO; MELO; BEZERRA NETO, 2008), a prática educativa estimula o sujeito a construir e (re)construir o mundo e, ao mesmo tempo, gera um ato de respeito. Na educação popular, uma das questões consideradas centrais é o uso da linguagem, do diálogo como uma prática horizontal e democrática entre os sujeitos, por isso, impulsionadora para o ato da

reflexão. Essa ação é, portanto, um meio para a mudança e para a construção da cidadania, em que o sujeito assume seu papel no espaço-tempo criticamente.

A sala de aula é o espaço de promoção de saber, transmissor de informação e construções de sentidos (SANTOS, 2014). A música pode ser utilizada para estabelecer comparações e estimular os discentes a aprenderem determinado conteúdo, além de fazer uso de suas letras para estimular a leitura e escrita e promover a identificação por meio das composições. Além disso, acredita-se que funcione como agente socializador e, ainda mais importante, transmita o valor de uma cultura popular. Diante disso, as músicas atreladas ao ensino de História produzem uma aula mais dinâmica e, simultaneamente, ajudam na construção de uma consciência histórica atrelada a fatos e acontecimentos que fazem parte das vivências de cada um.

Freire (1996) menciona que é importante não excluirmos o que os alunos e as alunas trazem das suas vivências; o professor não precisa necessariamente usar os materiais didáticos disponíveis na escola, podendo usufruir de recursos externos e vincular as experiências de vida dos estudantes e seu conhecimento de mundo aos conteúdos que são apresentados em sala de aula, fazendo com que o ensino-aprendizagem seja um sistema de interações.

Na percepção da historiadora Kátia Abud (2005), as músicas se constituem em evidências e registros de acontecimentos que podem ser compreendidos pelos educandos. Dessa forma, são concebidas como texto empírico, sobretudo no ensino da História, materializando-se sob a forma escrita para se transformar em recurso a ser ensinado. No estudo de Rosana Santos (2014), o docente utiliza a música como recurso didático e espera que os estudantes compreendam o momento histórico no qual estão sendo inseridos por meio dela, analisando os acontecimentos sociais, políticos, econômicos e ideológicos.

Para o pesquisador Olavo Soares (2017), os professores precisam ter a sensibilidade de compreender que esse recurso didático não pode ser inserido na sala de aula como se as interações subjetivas não interferissem na sua manipulação e, ainda, menciona que todos os estudantes podem conhecer uma mesma música, mas a sua vivência será diferente. Na concepção de Miriam Hermeto (2012), a música é arte, diversão, produto de mercado e uma referência cultural bastante presente no dia a dia, construtora e veiculadora de representações sociais; por apresentar um rol enorme de possibilidades de usos e interpretações, esse objeto de estudo amplia os horizontes de leitura histórica de mundo dos alunos e alunas. Em síntese, a música é uma combinação harmoniosa de sons e a canção é uma composição musical para ser cantada e acompanhada por um ritmo. As músicas são textos apropriados ao alfabetizar letrando, tendo em vista o fato de serem práticas reais que se apresentam, a princípio, tanto na

forma oral quanto na forma escrita. A sonoridade das canções facilita a sua memorização e desenvolve o trabalho da leitura (LEAL; ALBUQUERQUE; LEITE, 2005).

As músicas também podem estar associadas às memórias e às lembranças, de maneira que têm o poder de transportar as pessoas para o passado. Partindo desse ponto de vista, a professora Célia Maria David (2012, p. 106) afirma que “as realidades distantes devem proporcionar a viagem de ida e de retorno à vida cotidiana, conectando realidades de diferentes maneiras – comparação, semelhanças, contrastes, sobrevivências, mudanças, resistências”.

Ainda a respeito das possibilidades de utilização das composições musicais como recurso didático, é necessário abordar o papel do ensino de História na preservação da memória e da identidade. A maioria das composições é fruto da realização cultural humana e a sua utilização em sala de aula aponta para a necessidade da preservação do patrimônio cultural da humanidade. As pesquisadoras Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Maria Garcia (2005) mencionam que a consciência histórica tem uma “função prática” de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade vivenciada em determinado tempo uma orientação que pode guiar a ação intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica. Desse modo, a abordagem interdisciplinar ajuda o indivíduo a construir sua identidade social e contribui para que este se perceba e se posicione como sujeito dentro dos processos sociais, considerando que o conhecimento histórico orienta os sujeitos na vida prática.

A relação entre a música e o ensino de História é fundamental por duas razões básicas: 1) as músicas têm importância significativa na cultura cotidiana dos discentes; e 2) os docentes de História podem aliar as composições a um recurso didático (SOARES, 2017). É possível observar que as músicas despertam não somente uma aprendizagem interativa, mas também conduzem e possibilita o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Entre os inúmeros instrumentos utilizados no processo de ensino-aprendizagem, ressaltam-se as músicas como meio essencial no convívio escolar, não apenas no campo da sonoridade, mas também na sistematização da aprendizagem e na valorização da cultura na contemporaneidade. A música tem o papel de levar o aluno a épocas distantes, portanto, por meio dela, o professor pode tornar a prática pedagógica mais prazerosa e instigante. Nela existem imensidões de temas que não podem ser entendidos se separados de seu contexto histórico e ideológico (SANTOS, 2014).

Freire (1996, p. 52) aborda que é preciso “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

É fundamental, portanto, realizar pesquisas bibliográficas – neste caso, é condição essencial para uma boa seleção documental –, mas é preciso ter cuidado, pois há músicas, aparentemente, que não “achamos” interessantes nos fatores estéticos ou sociológicos, mas que podem revelar inúmeros aspectos fundamentais capazes promover discussões e reflexões sobre o contexto histórico do autor/compositor e do período em que a música foi produzida, levando em conta as mudanças ou permanências sociais (NAPOLITANO, 2002).

Nesse processo, o desafio para o trabalho histórico está em orientar o percurso do raciocínio na direção presente-passado, buscando a compreensão da realidade em uma dimensão histórica, pelo relacionamento e comparação entre tempos e espaços que extrapolam as explicações sustentadas apenas em outro tempo. As realidades distantes devem proporcionar a viagem de ida e de retorno à vida cotidiana, conectando realidades de diferentes maneiras – comparação, semelhanças, contrastes, sobrevivências, mudanças, resistências (DAVID, 2012).

Os conteúdos ministrados em sala de aula devem ser contextualizados, considerando-se a experiência de vida do aluno e seu conhecimento de mundo. Por isso, ao explorar esse recurso, o professor e a professora terão novas alternativas na organização de conteúdos, pois uma única música é capaz de relacionar diversos temas e incentivar o educando a pensar criticamente e gerar dúvidas para a produção do conhecimento (ABUD, 2005). Nesse sentido, esse recurso didático cria empatia entre os discentes e docentes, sem levar em conta a forma de uma referência de memória para os estudantes, facilitando sua relação com o conteúdo, além de proporcionar uma aula mais interativa.

No documento normativo, a BNCC (BRASIL, 2017) refere-se à música como uma expressão artística que se materializa por meio de sons e ganha forma e significado na área da sensibilidade subjetiva e nas interações sociais. Dessa forma, a utilização de composições musicais no ensino de História passa por várias etapas, entre elas, a percepção, a experimentação, a reprodução e a manipulação. Por meio desse processo de ensino-aprendizagem é possível inter-relacionar a diversidade e desenvolver habilidades fundamentais para inserção dos indivíduos em relação à participação crítica e ativa na sociedade.

As características do que conhecemos como música foram construídas historicamente, e essa construção relaciona-se a transformações nos modos de organização, reunião, associação e comunicação das pessoas no decorrer dos anos. A música, assim como a sociedade, sofre transformações. Por essa razão, incluí-la no currículo escolar não significa

dar-lhe uma falsa autonomia em relação às demais componentes, mas sim abrir espaços para o diálogo interdisciplinar.

Dessa forma, podemos delimitar algumas ideias sobre a utilização da música e de suas potencialidades em sala de aula: a) ela não pode ser encarada como meramente lúdica<sup>3</sup>; b) integra o cotidiano do estudante e pode estar relacionada à sua história de vida; c) dialoga com a história da sociedade em que o educando está inserido e ajuda a compreendê-la; e d) é uma linguagem que possui especificidades técnicas, mas também conta com um contexto histórico enquanto parte da experiência humana no mundo, sendo, portanto, passível de compreensão em seus aspectos intertextuais e contextuais. As concepções mencionadas ajudam a estabelecer diretrizes para utilizar a música na sala de aula. No entanto, é necessário ir além do documento, extrapolar o gênero musical a que pertence, o que representa avaliar a biografia do cantor e compositor e sua formação; todos esses pressupostos são informações essenciais que podem responder o porquê de a música ser escrita (DAVID, 2012).

Durante a investigação sobre a música nas aulas de História, notou-se que esse recurso ajuda na construção do conhecimento significativo e resgata a valorização cultural. O professor promove o rompimento de barreiras que dificultam o aprendizado e a música desperta o interesse dos estudantes, facilitando a compreensão dos contextos históricos.

---

<sup>3</sup> Qualidade daquilo que estimula por meio da fantasia, do divertimento ou da brincadeira.

### 3 MARABAIXO É MÚSICA!

Um das manifestações mais importantes no cenário cultural do estado do Amapá, o marabaixo é uma tradição popular da comunidade afrodescendente e a história de suas origens remonta ao período da colonização. Sua manifestação, como bem diz Piedade Videira (2020, p. 17), “representa a história e a cultura do afro-amapaense, fortemente guardada na memória do negro amapaense que consegue fazer a ligação entre sua história individual/coletiva e do Estado do Amapá desde sua ocupação”. Uma característica marcante do gênero são seus versos, cantados nas rodas de marabaixo e “criados a partir de situações cotidianas onde um cantor começa um verso e o outro complementa sua história no meio da cantiga ‘roubando’ sua fala e continuando a cantoria e assim sucessivamente” (BENTES, 2020, p. 157). Partindo do processo histórico do surgimento da cidade de Macapá e a relação com o marabaixo, é importante saber as suas origens para chegar ao contexto abordado neste trabalho: a modernização da capital amapaense.

Foi em 1751, no período colonial, que o então governador do estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1751-1759), deu início ao seu objetivo de promover o desenvolvimento do então povoado à vila de São José de Macapá (NASCIMENTO, B. R. M., 2020). No mesmo caminho, o professor Paulo Cambraia da Costa (2018, p. 201), em sua dissertação de doutorado, afirma que, ainda em 1761, “a população havia aumentado, atendendo às expectativas dos governantes ao criarem a vila”. Nesse mesmo período, tem início a construção da Fortaleza de São José, que exigiu mão de obra, o que fez com que a presença de diversos grupos, como indígenas e negros, fosse indispensável para trabalhar na construção da fortificação.

No período da criação do Território Federal do Amapá (1943-1988), contexto no qual este trabalho se firmou, chega para governar o capitão Janary Gentil Nunes. Vale ressaltar que a escolha de Macapá como capital do território se deu de modo estratégico; antes de tal decisão, o município que viria a ser a capital era o de Amapá, mas o então governador, alegando que o local possuía dificuldades de comunicação fluvial, fez com que o presidente Getúlio Vargas mudasse a condição de capital para Macapá (LOBATO, 2014).

A chegada de Janary representou uma mudança quanto à ideia de política e economia brasileira, formada desde os anos 1930 e 1940, baseada no processo de urbanização e desenvolvimento social do Estado brasileiro (LOBATO, 2014). Foi nesse sentido que Janary começou seu projeto de governo, tendo como um dos objetivos a reurbanização da cidade como projeto de modernização. Os maiores investimentos foram nos setores urbanísticos,

principalmente as construções de prédios administrativos e as residências para os funcionários públicos. Essas ideias, porém, esbarravam no modo de vida da população local, tanto que, em sua gestão, a relação com a comunidade do marabaixo era conflituosa, como evidenciam algumas composições de ladrões, nas quais são cantadas letras que fazem menção ao seu governo. A seguir (Figuras 1 e 2), há fotografias do período encontradas na dissertação de mestrado da professora e pesquisadora Maura Silva (2007).

**Figura 1** – Construção de prédios de alvenaria destinados aos funcionários públicos



Fonte: SILVA, 2007

**Figura 2** – Residência governamental construída em 1944



Fonte: SILVA, 2007

O professor Sidney Lobato (2013) relata que Janary tentou a todo custo difundir uma narrativa histórica na qual a sua posse simbolizava o fim de um período de atraso, abandono e de invisibilidade. Em seu Programa de Desenvolvimento, com o lema “Sanear, Educar e

Povoar” (OLIVEIRA, 2015), eram necessárias medidas para a reurbanização de Macapá, entre as quais merece ênfase o processo de remanejamento de famílias do centro da cidade para lugares mais afastados. Essa mudança foi feita de forma arbitrária, sem registro de documentos, sem protocolos ou respaldo jurídico, nada que pudesse conceder às pessoas que foram remanejadas dignidade ao deixar o lugar que habitavam (BENTES, 2020). Podemos observar na Figura 3 que Janary Nunes escolheu essa área estrategicamente, tanto no plano administrativo quanto no aspecto turístico.

**Figura 3** – Cartografia da cidade de Macapá na década de 1940



Fonte: TOSTES; WEISER, 2018

Um dos objetivos de Janary era urbanizar o centro histórico da cidade, com a intenção de abrigar os funcionários do então território. O centro da cidade deveria ser destinado ao setor comercial, então o governador determinou o remanejamento compulsório da comunidade negra dessa região, realocando-a em áreas consideradas periféricas, como os bairros da Favela<sup>4</sup> e do Laguinho<sup>5</sup>. Apesar de não ter havido conflito direto registrado entre os

<sup>4</sup> Atualmente conhecido como bairro Santa Rita, zona central de Macapá. O relato de Alcinéa para a reportagem do *GI Amapá* afirma que “as avenidas do bairro eram muito inclinadas e eles diziam que parecia uma favela” (TORRINHA, 2018, n.p.).

<sup>5</sup> Segundo a tradição, o local era conhecido como “Poço da Boa Hora”, onde morava um senhor descendente de escravizados. Em relação à proposta de Janary Nunes à comunidade amapaense, a única solução era aceitar a transferência das residências para os campos do Laguinho, chamado por esse nome por haver nas terras pequenos lagos. Na época, esse local era muito distante em relação ao centro da cidade e, nesse momento, surge o Hino da Nação Negra do bairro do Laguinho, *Aonde tu vai rapaz, por estes caminhos sozinho?* (RODRIGUES, 2002).

remanejados e os agentes do governo, isso não significa que não houve indignação e insatisfação da população (BENTES, 2020; VIDEIRA, 2020). Esses sentimentos, o deslocamento compulsório e a desapropriação podem ser percebidos em alguns ladrões do período, como *Onde tu vai rapaz?*, de Raimundo Ladislau<sup>6</sup>, que será trabalhado adiante.

Falar sobre a música do marabaixo é também falar de resistência, por conseguinte, não se pôde deixar de abordar as mulheres que historicamente se destacaram na cantoria dos ladrões e que foram as grandes responsáveis pela preservação da memória e pela reprodução da musicalidade dessa manifestação cultural. A presença delas na cantoria dos ladrões é um aspecto da tradição do marabaixo, em que se destacaram como resistência da população afro-amapaense, cantando e compondo ladrões que diziam muito sobre a memória e os sentimentos dos remanejados diante das mudanças sociais e urbanísticas do período janarista.

Aqui, fala-se brevemente de algumas das mulheres que participavam ativamente da tradição do marabaixo para ressaltar o papel de cada uma e suas influências para a preservação e reprodução dessa tradição ao longo do tempo. As “Tias do Marabaixo”<sup>7</sup> são exemplos e permanecem na história e na memória da sociedade afro-amapaense.

**Figura 4** – Estátua de Tia Gertrudes, presente no bairro Santa Rita



Fonte: Rafaela Bittencourt/Rede Amazônica

Gertrudes da Silva Gaia foi parteira e benzedeira, tinha grande conhecimento sobre ervas e plantas medicinais, além de fazer seus remédios caseiros, garrafadas, chás e outros. Gertrudes exerceu importante liderança no bairro da Favela, sendo uma das precursoras do

<sup>6</sup> Uma das fortes personalidades negras do Amapá, Raimundo Ladislau, amigo e parceiro de Julião Ramos, considerado um dos mestres da cultura popular e autor do tradicional ladrão de marabaixo *Aonde tu vais rapaz*.

<sup>7</sup> Projeto desenvolvido pelo jornalista Fábio Gomes retratando os principais nomes históricos do marabaixo amapaense.

marabaixo na localidade. Foi a primeira mulher a tocar uma caixa de marabaixo<sup>8</sup> e a puxar um ladrão (PEDROSA, 2021).

**Figura 5** – Estátua de Tia Chiquinha, presente na rodovia que dá acesso a Curiaú



Fonte: Rafaela Bittencourt/Rede Amazônica

Francisca Ramos dos Santos, a Tia Chiquinha (1920-2015), mesmo não sabendo ler nem escrever, compôs muitos ladrões. Seus parentes mais próximos foram os responsáveis por escrever suas composições, que são preservadas pelos seus filhos e netos.

**Figura 6** – Estátua de Tia Venina, presente no bairro Laginho



Fonte: Rafaela Bittencourt/Rede Amazônica

Antônia Venina da Silva nasceu em 17 de dezembro de 1909, viveu por 86 anos, foi agricultora, rezadeira, dançadeira de batuque e marabaixo e curandeira de garganta. Em sua vida, dedicou-se à luta pelo empoderamento feminino das negras no Amapá, em especial as

---

<sup>8</sup> Caixa de marabaixo ou caixa guerreira é um tipo de caixa artesanal. A caixa de marabaixo do estado do Amapá é feita com madeira cavada ou materiais recicláveis e é o principal instrumento que guia, dá ritmo e sonoridade na tradição do marabaixo.

mulheres do Quilombo do Curiaú, no qual passou a maior parte de sua vida. Em 20 de julho de 1997, dois anos após seu falecimento, foi criada a Associação de Mulheres Mãe Venina do Curiaú em sua homenagem; a associação continuou com o legado de Venina na luta por igualdade de gênero e racial (PACHECO, 2021).

As três mulheres representadas são homenageadas por sua importância para o marabaixo. Elas foram eternizadas em forma de estátuas em quatro pontos de Macapá. Essas homenagens são importantes pois fortalecem a memória e servem para que a população amapaense conheça mais sobre a história de seu povo e se identifique como parte dela, além de reafirmarem o protagonismo feminino da tradição do marabaixo e a resistência que fez com que essas mulheres fossem lembradas e referenciadas.

**Figura 7** – Josefa da Silva Ramos, a Tia Zefa



Fonte: Fábio Gomes, Projeto Tias do Marabaixo, 2017

Josefa da Silva Ramos, a Tia Zefa, nasceu no dia 26 de fevereiro de 1916. Quando Janary assumiu seu governo, em 1943, Tia Zefa estava com 27 anos. Sabrina Natali Silva Bentes (2020, p. 39), em uma pesquisa oral com Tia Zefa, ao questioná-la sobre as produções de marabaixo, é respondida sobre a criação do ladrão que: “qualquer coisa que acontecesse na cidade era motivo pra se tirar um ladrão, eram momentos cotidianos ou eventos maiores como a chegada do primeiro avião em Macapá”. Segundo a Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra<sup>9</sup>, Tia Zefa foi uma das poucas pessoas que se lembravam de Macapá antes do contexto do território. Ela testemunhara o episódio da remoção das famílias negras do

<sup>9</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3Noq5Iw>. Acesso em: 28 abr. 2023.

centro para a então periferia da cidade, como os bairros Laguinho e da Favela, que hoje são os bairros Laguinho e Santa Rita. Lembra-se que a maioria dos negros não gostou da ação, mas ninguém nada falava.

**Figura 8** – Tia Biló em uma roda de marabaixo



Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura do Estado do Amapá (SECULT)

Outra personagem muito importante na preservação da memória afrodescendente e da tradição do marabaixo é Benedita Guilherma Ramos, mais conhecida como Tia Biló (1925- 2021), filha de Julião Ramos, um dos grandes precursores da tradição. Além de estar no cenário do marabaixo, teve contato direto com Janary Nunes, como funcionária pública do governo (SECULT). Assim como Tia Zefa, também vivenciou o nascimento da cidade de Macapá. Na pesquisa realizada por Mariléia Maciel (2021, n.p.) afirma-se que:

[...] Quando estas famílias saíram do centro de Macapá, carregando a meninada e seus poucos pertences, tocando caixas e entoando ladrões e lamentos e começaram a ocupar onde hoje é Laguinho e Santa Rita, antes Favela, Tia Biló veio junto com o pai e mãe, Januária Simplícia Ramos e os irmãos Martinho, Joaquim, Apolinário e Felícia, iniciar a povoação deste reduto negro.

Tia Biló herdou toda a paixão pelo marabaixo de seu pai, foi uma grande entusiasta e divulgadora da cultura afrodescendente, cantando e repassando toda tradição e todo o legado

deixado por ele ao povo amapaense. Foi fundadora da Associação Cultural Raimundo Ladislau, fundada em 1988, localizada no bairro Julião Ramos<sup>10</sup> (ROGÉRIO, 2020).

As tias do marabaixo destacadas aqui representam a música do marabaixo como resistência cultural, de tradição e memória que é transmitida pela oralidade e mostra a importância dos elementos da identidade cultural da manifestação de um povo diante de situações cotidianas corriqueiras e eventos históricos, como o remanejamento da área central da cidade para as áreas periféricas. Com as cantadeiras de marabaixo foram apreendidos “capítulos importantes da história do Amapá através de narrativas construídas pelos versos de ladrões, cristalizados em poesia oral, em poesia narrativa significativa, por apresentar um tempo matizado pela experiência” (REIS; TORRES; MACIEL, 2021, p. 13).

### 3.1 O MARABAIXO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E IMATERIAL

Elemento de cultura de matriz africana, o marabaixo, forma de expressão elaborada pelas comunidades afrodescendentes do estado do Amapá, manifesta-se especialmente por meio da dança e dos ladrões. Para Mônica Pessoa e Raquel Venera (2016), os ladrões de marabaixo apresentam os processos da territorialidade negra na cidade de Macapá, retratando a história dos afrodescendentes que viveram durante a modernização na década de 1940. Esse evento marcou a história da comunidade negra amapaense e a relação do governador Janary Gentil Nunes com as lideranças do marabaixo; o mestre Julião Ramos, que morava naquela região, foi um dos principais negociadores em não aceitar a retirada das residências na frente da cidade. Nas pesquisas bibliográficas realizadas e nas conversas informais, constatou-se que houve dois grupos, os que acompanharam Dona Gertrudes Saturnino para a Favela, hoje bairro Santa Rita, e outros acompanharam Julião Ramos para o bairro do Laguinho.

O dossiê realizado em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) apresenta o marabaixo como uma forma de expressão da comunidade negra, de origem afrodescendente do estado do Amapá, sendo considerado patrimônio cultural imaterial. O marabaixo, que é constituído principalmente por canto, música e dança, divide-se em duas partes: “a religiosa (com ladainhas em homenagem ao Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade) e a parte lúdica composta pela dança do Marabaixo e pelo baile dançante (com repertório musical eletrônico)” (COSTA; NUNES; CUSTÓDIO, 2020, p.6).

---

<sup>10</sup> O bairro do Laguinho mudou de nome, passando a se chamar Julião Ramos. Após um plebiscito realizado entre a população do bairro, o local voltou a se chamar Laguinho.

Tendo sido este estudo voltado especialmente para a parte lúdica dessa manifestação cultural, destacou-se, nesse sentido, a musicalidade, por meio das composições musicais denominadas de ladrões, espécie de poesia oral musicada que conta situações cotidianas da população. Na concepção do IPHAN (BRASIL, 2018, p. 16) os ladrões:

Podem ser compreendidos enquanto textos poéticos elaborados de improviso por meio da oralidade. São versos que expressam os acontecimentos corriqueiros ou extraordinários do cotidiano, sejam eles vivenciados em âmbito pessoal ou comunitário. Constituem uma forma de registro dos acontecimentos. Seus versos possuem a capacidade de nos transportar para o lugar e o tempo em que foram compostos ou “tirados”, na linguagem dos detentores.

Nesse sentido, é possível conceber os ladrões de marabaixo como uma narrativa dos acontecimentos do dia a dia, das situações vivenciadas, contada em versos sobre como as pessoas viviam o cotidiano delas. Nesse processo de registros orais, iam-se criando retratos de situações, modos de vida e de pensamentos da comunidade afro-amapaense. As histórias contidas nos ladrões atravessam gerações e transmitem mensagens e o modo de vida de um grupo social de maneira simples e de fácil acesso.

Na visão de Piedade Videira (2020), as composições do marabaixo são documentos históricos que representam as formas de expressões e de resistência do povo negro. Segundo Fernando Canto (1998), não há uma data específica para o surgimento do marabaixo, mas existem evidências históricas de que se originou no Mazagão e depois foi para Curiaú, Igarapé do Lago, Maruanum e Macapá. Assim, o gênero surge como uma herança da formação de comunidades afrodescendente e como um movimento de resistência cultural.

A manifestação cultural do estado do Amapá ocorre durante o Ciclo do Marabaixo, que começa sempre na Páscoa e termina em *Corpus Christi*. Em sua dissertação de mestrado, a professora Wanda Lima (2011, p. 46) aborda a Festa do Marabaixo e menciona que:

A festa do divino Espírito Santo é conhecida, atualmente, pelo nome de “ciclo do Marabaixo”. O calendário festivo inicia-se no domingo de Páscoa, tal como considerado pela rainha Isabel, em Portugal. Durante aproximadamente dois meses, as homenagens ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, assim denominados pelo representantes de alguns grupos de Marabaixo em Macapá, vão sendo distribuídas entre eventos considerados como os momentos sagrados e os momentos lúdico da festa, que acontecem até o término dos festejos, no domingo do Senhor ou no domingo de Pentecostes.

O evento segue de acordo com o calendário, que é fielmente cumprido. É uma celebração marcada pelo ritmo dos tambores ou das caixas, instrumentos de percussão feitos de madeira e pele de animais, e pelos cantores, chamados de ladronistas. Em relação à dança,

os passos dos pés são arrastados um em seguida do outro, relembrando as correntes que os escravizados utilizavam; os braços são movimentados para baixo e para cima, as mulheres dançam segurando a saia comprida e rodada e, às vezes, erguida para cima no momento do giro. No que se refere ao traje, as mulheres usam saias rodadas e floridas, camisa branca, colares de pedras, uma toalha no ombro e uma flor sob a orelha, uma versão estilizada das roupas das escravizadas. Os homens usam roupas brancas e com alguns detalhes na camiseta, na mesma estampa florida das saias (COSTA; NUNES; CUSTÓDIO, 2020).

Uma das grandes conquistas culturais e políticas do marabaixo foi o título de Expressão Cultural Amapaense, reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil no dia 08 de novembro de 2018 pelo IPHAN. A atribuição reconhece a presença das ancestralidades africanas na formação social e cultural do Amapá e da Amazônia. Além disso, pode assegurar condições de transmissão e reprodução dessa manifestação cultural. O marabaixo, portanto, é uma expressão cultural de devoção e resistência que representa tradições e costumes locais e reúne ritmo, dança, vestimentas, comidas e literatura.

Em grande parte, suas composições abordam as celebrações religiosas e alguns momentos de memória pública e coletiva das comunidades que o praticam (BRASIL, 2018). Os ladrões de marabaixo são ferramentas que possibilitam a compreensão do processo histórico, mas também valorizam as memórias e analisam os fatos ocorridos no cotidiano local e nacional. Nesse sentido, para a professora Wanda Lima (2011, p. 70) aborda que:

A música, através dos seus ladrões, momento de maior representatividade da Cultura Amapaense, tem como característica principal a oralidade. Os ladrões são os guardiões da memória, da tradição, da história da identidade dos agentes do Marabaixo narrando (ou “roubando” expressão usada pelos brincantes mais antigos) fatos e eventos do dia-a-dia, e também satirizando as informações sociais.

Ao relacionar a Cultura e Educação, torna-se necessário valorizar preceitos considerados importantes ao processo de ensino-aprendizagem como interesses, atitudes e valores, aproximando os estudantes ao seu cotidiano. Para tanto, a inserção dessa manifestação cultural amapaense nos currículos escolares se apresenta como uma possibilidade de vivências com características lúdicas de diversas culturas, contemplando múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito da própria cultura local.

### 3.2 IDENTIDADE E MEMÓRIA NA TRADIÇÃO DO MARABAIXO

Quanto à identidade, Jöel Candau (2012) afirma que esta se forma a partir da socialização, na qual há uma constante troca de informações e alteridade, o que gera uma constante construção da identidade. Na mesma linha, Elisa Nascimento (2003) caracteriza a identidade também como uma construção em que há a interação com o outro, sendo um processo inacabado e que se manifesta a partir da constatação da diferença.

Ao mesmo tempo, a memória se firma como a responsável pela transmissão de práticas e costumes, pois tem “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2013, p. 366). Os conceitos e, concomitantemente, a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, são elementos que colaboram para a produção de um ensino de História baseado naquilo que Lee afirma (2006): deve-se entender o passado de forma crítica. Nesse sentido, a utilização da música de marabaixo nas aulas de História do Amapá irá permitir a aproximação de alunos e alunas ao passado da cidade, em especial os afrodescendentes que vivem em Macapá.

Nesse sentido, trabalhar os ladrões de marabaixo é contar histórias e reviver a memória de seu povo. Seus versos são tradição e contêm narrativas; é por meio desses componentes que se identifica a relação dos versos dos ladrões com os períodos históricos vivenciados em grande parte pelos compositores dos versos, como é o caso deste trabalho. Os ladrões aqui destacados falam do contexto histórico da cidade de Macapá no período janarista, quando a capital passou por um processo de modernização, e registram fatos importantes do cenário político e social amapaense.

Os trechos trabalhados a seguir são partes da composição *Aonde tu vais rapaz?* (domínio público), descrita no Anexo A.

Aonde tu vai rapaz  
Por esses caminhos sozinhos?  
Eu vou fazer a minha morada,  
Lá nos campos do Laguinho

Nesta cantiga, é retratado um dos episódios que marcaram a história da comunidade afrodescendente, que foi o remanejamento das famílias da parte central da cidade, que até então eram o Laguinho e o bairro da Favela. O trecho “Aonde tu vai rapaz / por esses caminhos sozinhos” evidencia a saída desse indivíduo do seu ambiente habitual para um local

desconhecido. A expressão “campos do Laguinho” faz alusão ao lugar que permitiu construir o seu novo lar, que é o bairro do Laguinho. A comunidade tenta vencer as dificuldades da adaptação; é interessante observar que o pensamento da coletividade sempre refletiu no bem-estar de todos, e não de forma individual (VIDEIRA, 2020).

Ainda discutindo sobre esse ladrão, na primeira estrofe a seguir, relatam-se a data do acontecimento e a reação da população a respeito desse fato, já “dia primeiro de junho” faz referência ao dia de aniversário de Janary. O segundo trecho faz referência ao nome da vila povoada na época, Santa Engrácia (VIDEIRA, 2020), mas também aborda o sentimento de perda, assim como é apresentado na terceira passagem:

Dia primeiro de junho  
 Eu não respeito o senhor  
 Eu saio gritando “briga!”  
 Ao nosso governador  
 [...]  
 Destelhei a minha casa  
 Com a intenção de retelhar  
 Se a Santa Ingrácia não fica  
 Como a minha há de ficar  
 [...]  
 Estava na minha casa  
 Conversando com companheiro  
 Não tenho pena da terra  
 Só tenho do meu coqueiro.

Os versos a seguir fazem menção às mudanças feitas por Janary no período em que foram construídas, na avenida Getúlio Vargas, residências oficiais para agentes do governo:

A avenida Getúlio Vargas  
 Tá ficando que é um primo  
 As casas que foram feitas  
 Foi só pra morar 29outo  
 [...]  
 Me peguei a São José  
 Padroeiro de Macapá  
 Pra Janary e Icoaracy  
 Não saírem do Amapá

Em relação ao ladrão *Às quatro da madrugada* (domínio público), disponível no Anexo B, que enaltece um lugar bom de ser viver, entende-se a tamanha admiração no sentido de contemplar a infraestrutura construída, destacada no seguinte trecho:

A cidade de Macapá  
 Tá muito além de Mazagão  
 Termos uma capela benta  
 E um trapiche em condição  
 [...]

Prefeitura de Macapá  
 Faz frente para a baía  
 Olhando para o trapiche  
 Com grande Calanteria

Em contrapartida, o ladrão *Guardariô* (domínio público), descrito no Anexo C, relata a identidade e a memória da sociedade. Percebe-se ainda que o termo utilizado no título da música remete ao sentido de pedir guarda, tanto para Deus quanto para os santos protetores, mas também demonstra as saudades do antigo local. Nesse ladrão há menção aos dois maiores nomes de referência do marabaixo no estado do Amapá, Raimundo Ladislau, compositor, e Mestre Julião Ramos, cantor das músicas compostas por Ladislau, assim como representante das negociações da comunidade negra do estado, conforme manifestado na seguinte passagem:

Não me fale em Marabaixo, guardariô  
 Que me dói no coração, guardariô  
 Me lembro de Ladislau, guardariô  
 E do Mestre Julião, guardariô  
 [...]
   
 Cajueiro pequenino, guardariô  
 Quem te derrubou no chão, guardariô  
 Foi um golpe de machado, guardariô  
 Que feriu meu coração, guardariô

Dessa forma, torna-se perceptível que a comunidade negra do Amapá possui diversas memórias que ajudam a contar a história local. A urbanização da cidade excluiu parte dos indivíduos, embora colaborando para que sua identidade e sua cultura, ao mesmo tempo, fossem reconstruídas. Nesse sentido, a constatação da professora Suzel Reily (2014) é que sem memória não podemos fazer música e há várias etapas para realizar essa construção, desde informações armazenadas em nosso cérebro até a maneira como será repassada para outras pessoas.

Ao utilizar o recurso da música em sala de aula, buscou-se proporcionar aos estudantes uma atividade escolar que fugisse do plano “teórico decorativo” e que o único objetivo fosse a obtenção de notas. A intenção foi possibilitar aos alunos e às alunas conhecerem os contextos históricos da modernização da cidade de Macapá por meio dos ladrões de marabaixo, tendo como recorte temporal o mandato do primeiro governador do Amapá, Janary Gentil Nunes (1943-1955).

#### 4 LADRÕES DE MARABAIXO: RECURSO DIDÁTICO

Este capítulo pretende apresentar a proposta de uma sequência didática de uso do marabaixo como recurso didático nas aulas de história do Amapá. A motivação em abordar essa temática está relacionada com a trajetória escolar das pesquisadoras. Durante o período da graduação, houve diversas discussões sobre a metodologia de ensino. Em um grupo de estudo, sempre se conversava sobre a época da escola, as concepções como estudantes e de que maneira os professores e as professoras repassaram os conhecimentos. Em síntese, poucos conseguiram relacionar os conteúdos de História com o cotidiano.

Desse modo, ao pensar na temática deste trabalho, alguns critérios foram levados em conta: o primeiro era relacionado a discutir os procedimentos didáticos e defender a importância da história local, que é pouco valorizada na sociedade. O outro aspecto foi a percepção de que o estado do Amapá carrega em sua origem as características da mestiçagem e da heterogeneidade cultural, que contribuem significativamente para a compreensão e discussão sobre identidade, memória e cultura. Em relação ao marabaixo, apesar de as autoras não serem de família tradicional desse grupo social nem morarem próximo aos bairros em que ocorre o festejo, houve curiosidade de conhecer e aprender sobre a manifestação cultural afro-amapaense.

Ao pensar o uso ladrões de marabaixo como temática dentro do ensino de História, o intuito é conhecer o passado e o presente, reviver as histórias e explorar as memórias. Diante disso, utilizar as composições dos ladrões de marabaixo na sala de aula proporciona valorizar a leitura, a escrita e o conhecimento regional. Desse modo, Isabel Barca (2006, p. 96) afirma que:

A orientação temporal de cada um de nós exige identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global): competências avançadas para saber “ler” o mundo que nos rodeia e também perspectivar de alguma forma o futuro, à luz de experiências humanas no passado.

A proposta foi apresentar uma sequência didática baseada nos estudos da professora Célia Maria David (2012) e em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004 *apud* COSTA JÚNIOR, 2021). A proposição dessa sequência de atividades justificou-se pela necessidade de desenvolver na sala de aula interpretações e produções textuais de forma mais significativa para os alunos.

Uma sequência didática é um conjunto de atividades organizadas de maneira sistemática em torno de um recurso oral ou escrito. Precisamente, tem a finalidade de ajudar o

aluno a dominar melhor um texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada em dada situação de comunicação.

Para ser considerada uma sequência didática, enquanto dispositivo didático para o ensino-aprendizagem, o professor precisa verificar uma produção inicial, oral ou escrita, no gênero que pretende trabalhar com a turma. Em seguida, deve avaliar as produções e desenvolver as atividades (módulos) de acordo com as possibilidades e dificuldades da turma. Na produção final, os alunos devem colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante as atividades.

De acordo com as técnicas sugeridas pela docente Célia Maria David (2012), esse recurso pretende possibilitar aos discentes do ensino fundamental – anos finais – a elaborar conceitos e entender fatos históricos. A música expressa uma pluralidade de informações que podem ser decodificadas e a letra permite identificar detalhes sobre os comportamentos sociais. Em suma, é importante reconhecer as orientações teóricas definidoras dos gêneros para, na prática, socializar conhecimentos, cujos fundamentos apontam para procedimentos com possibilidades de entender o contexto cultural, sua pluralidade inserida no mundo e no processo histórico do ser humano que, por protagonizar essa ação, se desenvolve, se modifica e, conseqüentemente, adquire características próprias.

Durante o processo de pesquisa, entendeu-se que a sequência didática aponta para a criação de uma rotina como uma possibilidade para organizar o trabalho pedagógico da sala de aula e como forma de articular as ações, os procedimentos e as técnicas necessárias para atingir o objetivo deste trabalho, que foi compreender como a modernização da cidade de Macapá tem conexão com o Marabaixo. Outro ponto-chave foi a organização do tempo da tarefa, visando distribuir as atividades aplicadas assegurando que sejam aproveitadas e corretamente avaliadas, por isso é importante refletir acerca de cada etapa e a duração dela. Portanto, é importante ressaltar o planejamento não só para atender a uma exigência da legislação, mas como instrumento que possibilita prever ações de ensino voltadas para a realidade dos estudantes.

Na etapa seguinte descreveu-se o plano de ação; a sequência didática em questão se deu num total de cinco encontros. Diferentes atividades e exercícios organizados por etapas permitiram aos aprendizes conhecer o contexto da modernização da cidade de Macapá por meio dos ladrões de marabaixo durante o período janarista.

#### 4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta proposta da sequência didática surgiu da necessidade de reconhecer as especificidades da história local. O suporte adotado foi o RCA-EIEFI, com enfoque no 9º ano do ensino fundamental – anos finais. O RCA funciona como ente legal orientador do estado do Amapá e segue as orientações das diretrizes curriculares nacionais. É um dos documentos auxiliares que têm como estratégia melhorar a educação amapaense (AMAPÁ, 2018).

Sobre a participação dos afrodescendentes, o RCA classifica como objeto de conhecimento a questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição, os movimentos sociais e a imprensa negra; e a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações. Dentro desse objeto de conhecimento, o marabaixo pode ser trabalhado como resistência da população negra amapaense.

**Quadro 1** – Plano de ação

TEMA: O processo da modernização da cidade de Macapá relatado por meio dos ladrões de marabaixo
DURAÇÃO: 5 aulas/50 min
<p><b>OBJETIVOS</b></p> <p><b>GERAL:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorizar as heranças culturais e históricas da sociedade amapaense.</li> </ul> <p><b>ESPECÍFICOS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar qual o papel dos sujeitos históricos que fizeram parte desse período histórico.</li> <li>• Mostrar aos estudantes que são protagonistas e produtores de narrativas históricas valiosas e importantes.</li> <li>• Discutir com os alunos a importância da memória relatada por meio dos ladrões de marabaixo.</li> </ul>
<p><b>OBJETO DE CONHECIMENTO</b></p> <p>O marabaixo como resistência da cultura afro-amapaense.</p>

(continua)

(conclusão)

<p><b>HABILIDADES</b></p> <p>(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social da sociedade amapaense e do Brasil. Discutir a participação do negro na formação da sociedade amapaense.</p> <p>(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.</p>
<p><b>METODOLOGIA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• As aulas serão realizadas de forma expositiva/dialogada.</li> <li>• As atividades serão baseadas no estilo dissertativo.</li> </ul>
<p><b>RECURSOS DIDÁTICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco, pincel, <i>data show</i>, caixa de som, papel impresso das composições dos ladrões, cartolina, régua, lápis e pincel colorido.</li> </ul>
<p><b>AVALIAÇÃO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Diagnóstica: verificar o desenvolvimento dos estudantes em determinado conteúdo.</li> <li>• Formativa: analisar o processo de ensino-aprendizagem.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelas autoras

- **Primeiro encontro: apresentando a proposta**

Iniciar a aula realizando um levantamento diagnóstico. Perguntar à turma se já escutaram histórias de seus familiares sobre o período do governo de Janary Nunes. Escutar as respostas e complementar com as informações que considerar necessárias. Comentar a influência do projeto “Sanear, Educar e Povoar”, que provocou mudanças na sociedade amapaense.

Após a discussão, informar aos discentes que estudarão sobre o marabaixo, especificamente, os ladrões. Em relação à produção final, deverão criar histórias em quadrinhos (HQ). Combinar com a turma a maneira como será realizada a apresentação, se é apenas para os colegas da classe ou em um mural da escola.

- **Segundo encontro: aprofundar os conhecimentos**

Esse encontro, tendo como tema a modernização da cidade de Macapá, tem como base o texto denominado “Macapá: a cidade modernista do período janarista de 1943 a 1955”, de autoria de José Tostes e Alice Weiser (2018). O texto apresenta uma linguagem mista e de fácil compreensão, tendo em vista que os alunos podem utilizar como uma apostila para entender o processo histórico da cidade de Macapá.

- **Terceiro encontro: análise dos ladrões**

Nessa aula, fazer uma breve explicação do objeto de conhecimento em estudo. Informar à turma que as análises ocorrerão de forma coletiva. Diante disso, com as composições dos ladrões *Aonde tu vais rapaz*, *Guardariô* e *Às quatro da madrugada* impressos ou apresentados no *data show*, é o momento de praticar a leitura/análise. Se possível, escutar os ladrões de marabaixo na caixa de som. Torna-se necessário realizar as seguintes perguntas:

- A que nos remete o título do ladrão?
- Qual a temática desenvolvida na composição? O que houve naquele período?
- De que forma o autor consegue descrever suas memórias?
- O que mais chamou a sua atenção na composição?
- Quais são as palavras desconhecidas para vocês?

Explorar os elementos e perguntar o que mais eles conseguem notar nas composições dos ladrões de marabaixo.

- **Quarto encontro: produção de HQ**

Iniciar a aula propondo aos alunos algumas questões com o intuito de verificar seus conhecimentos prévios acerca do gênero textual HQ. Permitir que troquem ideias e lembrar aos estudantes as características das HQ: narram uma história por meio de quadros, pensamento das personagens aparecem inseridos em balões, a movimentação de personagens é sugerida por meio de traços, expressões e gestos, e a linguagem é geralmente informal.

Apesar de terem sido apresentados apenas três ladrões de marabaixo, a turma deverá ser dividida por grupos, a depender da quantidade de discentes na classe. Cada equipe deve escolher um assunto ou um trecho relacionado ao ladrão correspondente. Em relação à

confeção dos desenhos, os estudantes podem escolher: como imaginam que a situação ocorreu ou realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre o acontecimento descrito na composição. Também nessa aula, os educandos precisam escolher de que forma será realizada a apresentação das HQ, conforme abordado no primeiro encontro.

As HQ podem ser desenhadas em uma cartolina ou confeccionadas de forma digital. As plataformas em que é possível montá-las são:

- **Canva:** o aplicativo é gratuito, mas possui algumas ferramentas que exigem pagamento para realizar o *download*. Precisam pesquisar os *templates* e explorar os recursos digitais.
- **Strip Creator:** plataforma é gratuita. Possui dezenas de opções de cenários e personagens. No entanto, esse *site* apresenta algumas limitações, sendo impossível mover os balões e é permitido criar apenas até três quadros. Exige um cadastro para salvar a história criada.
- **Autodraw:** é uma ferramenta gratuita que consegue “ler” traços e rabiscos e os transformar em desenhos ou símbolos complexos. É composta por um sistema robusto de inteligência artificial.
  
- **Quinto encontro: organização resultado**

O compromisso dessa aula é organizar as produções para serem apresentadas na sala de aula ou em um mural da escola. A avaliação do processo de aprendizagem pode ser realizada por meio das atividades propostas na sequência didática e deve considerar o desenvolvimento de cada estudante.

A apresentação da sequência didática para trabalhar a música presente nos ladrões é necessária para aproximação daqueles que fazem parte do ensino-aprendizagem, além de levar em consideração um dos princípios básicos da construção do saber em sala de aula: o respeito pela diversidade cultural e pelas especificidades regionais, além da valorização dos conhecimentos prévios dos alunos e alunas, em que os conteúdos relacionados ao cotidiano, tratando-se do marabaixo, se entrelaçam com os conteúdos extensos, cheios de personagens históricos e eventos que marcam temporalidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música, geralmente, é atrelada ao lazer, mas também pode ser um agente facilitador no ensino. A geração do século XXI vive num mundo cheio de informações, mas não sabe explorar esses recursos, escuta e canta uma música sem ao menos prestar atenção à letra e ao contexto em que foi criada. Diante disto, o professor deve usar a música a favor de sua prática docente, contextualizando tempo e espaço, objetos e sujeitos, a fim de auxiliar na construção do conhecimento.

Por meio deste trabalho, houve a pretensão de evidenciar a valoração cultural do marabaixo por meio dos versos dos ladrões, que dão voz às narrativas históricas e sociais das comunidades afro-amapaenses. As composições, nesse sentido, tornam-se meios de resistência das tradições orais e, ao mesmo tempo, constituem a resistência étnica, tornando possível compreender melhor a religiosidade, o modo de vida, o pertencimento ligado à herança cultural e a memória associada à oralidade.

Por isso, a sequência didática apresentada torna o ensino mais significativo, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de indivíduos em formação. Dessa forma, pode-se dizer que, além de uma renovação no modo de ensinar, ela leva à construção do conhecimento e aproxima o estudante da realidade. É necessário que o ensino da História local seja discutido na sala de aula. No entanto, a realidade não é bem assim. É muito importante a construção da identidade social para fortalecer a cultura local.

Diante disso, cabe ao docente o papel de mediar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, com o intuito de construir e obter novos saberes, visando formar cidadãos críticos, éticos, ativos, reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de compreender a realidade em que vivem e edificando uma educação voltada para a construção da cidadania e da alteridade. Quando o professor estimula os educandos a pesquisar, procurar, saber organizar os dados e informações, acaba proporcionando a oportunidade de assimilarem e construir novos conhecimentos.

Ratifica-se, portanto, a vontade de enaltecer a cultura afro-amapaense nas escolas, pois acredita-se que a utilização dos ladrões de marabaixo tenha papel fomentador de luta e resistência. A verbalização de suas canções consiste em disseminar sua trajetória carregada de informações que remontam, em sua maioria, a um passado cheio de recortes históricos.

É importante discutir que a sala de aula não precisa estar restrita ao espaço delimitado pelas quatro paredes, o quadro branco e as carteiras dos alunos enfileiradas. Há diversos recursos educacionais que criam oportunidades que permitem tanto os educadores quanto os

estudantes a desenvolverem uma aprendizagem significativa no ensino de História. O professor e a professora precisam de liberdade e autonomia para lidar com os conteúdos que vão provocar a inquietação do aluno e da aluna. Dessa forma, faz-se com que estudantes se apropriem das suas próprias experiências, tornando-se protagonistas nesse processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à escola, a equipe pedagógica deve contribuir oferecendo-lhe condições para atuar, apoiando as ideias com o mesmo objetivo de formar cidadãos ativos na sociedade. Muito mais que ensinar conteúdos, a escola tem a responsabilidade de contribuir para a construção da cidadania e o respeito à manifestação cultural do Amapá, o marabaixo.

Desse modo, cabe aos futuros professores vencer e superar a prática da História como disciplina estática que foi e continua sendo trabalhada nas escolas. É preciso estimular a curiosidade e a criatividade dos alunos para que possam se sentir envolvidos o suficiente para trazer novas contribuições à sala de aula, suscitando um espaço em que exista troca de conhecimento, diálogo e relação com realidades diferentes.

O maior legado de um professor está na transformação humana e inspiradora que pode gerar na vida do aluno por meio da reflexão, da ação e da superação. Em uma sociedade em que o papel do professor é pouco valorizado, é necessário demonstrar gratidão a todos os educadores, em especial ao Dr. Carlos Alberto Viana Marques, que conseguiu despertar um novo olhar do quanto a educação pode transformar a vida dos estudantes.

Conclui-se, então, que a presença da música recurso didático é necessária, pois ela transmite aspectos da cultura por ter temporalidade longa ao mesmo tempo que está presente no cotidiano das pessoas e em diferentes épocas. Seu aspecto atemporal provoca sentimentos e formam memórias de pessoas e grupos sociais, seu uso em sala aula pode ser enriquecedor na medida em que as experiências de vida dos alunos e das alunas se integram.

## REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia M. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 309-317, set.-dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3ng0wOY>. Acesso em: 14 out. 2022.
- AMAPÁ. **Referencial curricular amapaense**. Macapá: SEED, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/41Qcq1k>. Acesso em: 21 out. 2022.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 2010.
- AUTODRAW. Disponível em: <https://www.autodraw.com/>. Acesso em: 21 out. 2022.
- BARCA, Isabel. Literacia e consciência histórica. **Educar**, Curitiba, n. esp., p. 96-112, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Hm2Zye>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- BENTES, Sabrina Natali Silva. “Aonde tu vai, rapaz, por esses caminhos sozinho?”: histórias e caminhos do Marabaixo pelas ruas de Macapá – AP. **Revista em Perspectiva**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 154-175, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/41OovDV>. Acesso em: 11 out. 2022.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://bit.ly/41LHgbh>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3Vfzi7K>. Acesso em: 01 out. 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3oSLU8T>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3AAMIBE>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Dossiê de registro: Marabaixo**. Brasília: IPHAN, ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3Nn0DTN>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.
- BUENO, Giuliana; MELO, Patrícia Siqueira; BEZERRA NETO, Luiz. Ensaio sobre a relação entre cultura popular e educação. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE*, 6., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: IPF, 2008. p. 1-9. (Globalização, Educação e Movimentos Sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido). Disponível em: <https://bit.ly/3HmQnqG>. Acesso em: 19 nov. 2022.

BUSH, Carol A. **A música e a terapia das imagens: caminhos para o eu interior**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANTO, Fernando. **A água benta e o diabo**. 2. ed. Macapá: FUNDECAP, 1998.

CANVA. Disponível em: [https://www.canva.com/pt\\_br/](https://www.canva.com/pt_br/). Acesso em: 01 dez. 2022.

COSTA JÚNIOR, Genival Francisco. **Experiências de sequência didática com letras de música para o ensino de Língua Inglesa**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3nbtBer>. Acesso em: 5 nov. 2022.

COSTA, Bruno Marcelo de Souza; NUNES, Paulo; CÚSTODIO, Elivaldo Serrão. Preservação e comunicação do patrimônio cultural no Amapá pelo viés da estética do marabaixo. *In*: PISARKI JÚNIOR, Marcos Roberto (org.). **Interfaces culturais: patrimônio, sociedade e sustentabilidade**. Nova Xavantina: Pantanal Editora, 2020. v. 1, p. 6-20. Disponível em: <https://bit.ly/40PSI4a>. Acesso em: 8 nov. 2022.

COSTA, Paulo Marcelo Cambraia da. **Em verdes labirintos: a construção social da fronteira franco-portuguesa (1760-1803)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3nemNwI>. Acesso em: 8 dez. 2022.

DAVID, Célia Maria. Música e ensino de história: uma proposta. *In*: SCHLÜNEN, Elisa Tomoe Moriya; MALATIAN, Teresa Maria (org.). **Caderno de formação: formação de professores didática de conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. v. 8. p. 108-123. Disponível em: <https://bit.ly/3Nn94yd>. Acesso em: 28 out. 2022.

ECAM; CONAQ-AP. **Diagnóstico – Ações de produtividade nas comunidades quilombolas do Amapá**. Projeto Quilombo solidário: Renda e Produção. Macapá, maio 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3oJvboe>. Acesso em: 27 out. 2022.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música em sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de história: palavras, sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos dos textos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEAL, Telma Ferraz. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. *In*: MORAIS, Arthur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (org.). **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 89-110. Disponível em: <https://bit.ly/3oTrKvv>. Acesso em: 15 out. 2022.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar**, Curitiba, n. esp., p. 131-150, 2006.

LIMA, Wanda Maria da Silva Ferreira. **Ciclo do marabaixo**: permanência e inovações de uma festa cultural. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3VdoR4I>. Acesso em: 15 out. 2022.

LOBATO, Sidney da Silva. **A cidade dos trabalhadores**: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1994-1964). 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3LDn3yB>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LOBATO, Sidney da Silva. Federalização da fronteira: a criação e o primeiro governo do Amapá (1930-1956). **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, p. 272-286, 2014.

MACIEL, Mariléia. Tia Biló: a perseverança para manter viva a memória de Julião Ramos. **Diário do Amapá**, Macapá, 18 set. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3LkMNOO>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MADUREIRA, Daniel de Nazaré de Souza. **Marabaixo e seus “ladrões”**: a história afroamapaense sintetizada no Cancioneiro popular como elemento fomentador de estudos literários. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Hovuvr>. Acesso em: 20 dez. 2022.

MARCONDES, João. O que é música popular? **Sousa Lima Blog**, [S.l.], abr. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/41KA52Y>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARTINS, Benedito Restam Costa. **Marabaixo, ladrão, gengibirra e rádio**: traduções de linguagens de textos culturais. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203-221, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3AB8022>. Acesso em: 16 out. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, Bruno Rafael Machado. O povoado de São José de Macapá (1751-1758): açorianos, indígenas e a vila. **Malucos pela História**, [S.l.], 04 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/424zYz4>. Acesso em: 01 dez. 2022.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, Eranilda Abreu de. Vestígios da história do Amapá: resistência e ressentimento nas memórias de marginalizados no governo Janary Gentil Nunes (1944-1956). *In: SEMANA DE HISTÓRIA*, 9., 2015, Macapá. **Anais** [...]. Macapá: UNIFAP, 2015. p. 1-8. Disponível em: <https://bit.ly/40PCDvF>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PACHECO, Núbia. Mulher à frente do seu tempo: trajetória de Tia Venina marca a história do Quilombo do Curiaú. **G1 Amapá**, Macapá, 08 mar. 2021. Disponível em: <http://glo.bo/41Lnahb>. Acesso em: 28 abr. 2023.

PEDROSA, Pérola. Cultura e turismo: marabaixeiros Tia Chiquinha, Tia Venina e Tia Gertrudes são homenageadas com monumentos de esculturas em pontos históricos de Macapá. **Amapá Digital**, Macapá, 06 jan. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3LBEOYS>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PEREIRA, Márcia Moreira; SILVA, Maurício. Percurso da Lei 10639/03: antecedentes e desdobramentos. **Linguagens & Cidadania**, v. 14, n. 1, p. 1-12, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/42c68J7>. Acesso em: 28 abr. 2023.

PESSOA, Mônica Nascimento; VENERA, Raquel Alvarenga de Sena. Manifestações afro-brasileiras no Amapá: A arte do Marabaixo no tempo presente. *Criar educação*, v. 1, p. 1-15, 2016.

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 1-19, 2021. (Dossiê Bases Nacionais e o Ensino de História Embates, Desafios e Possibilidades na/entre a Educação e a Formação de Professores).

REILY, Ana Suzel. A música e a prática da memória – uma abordagem etnomusicológica. **Música e Cultura**, [S.l.], v. 9, p. 1-18, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/40NIqBN>. Acesso em: 14 out. 2022.

REIS, Marcos Vinicius de Freitas; TORRES, Marcos Paulo; MACIEL, Kerllyo Barbosa. Ladrões de marabaixo em Macapá: identidade cultural, poder, história, memória e religiosidade na Amazônia Amapaense. **Caminhos**, Goiânia, v. 19, p. 11-28, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3LCiipc>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RODRIGUES, Edgar. Os primeiros bairros de Macapá. **Ache Tudo e Região**, [S.l.], 31 jan. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/41POZH8>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ROGÉRIO, Cláudio. Associação Raimundo Ladislau festeja 32 anos de tradição. **Diário do Amapá**, Macapá, 06 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3VfXWFi>. Acesso em: 24 nov. 2022.

SANTOS, Rosana de Menezes. O uso da música na prática de ensino de história. **Ciências Humanas e Sociais Unit**, Aracaju, v. 2, n. 2, p. 161-171, out. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/40OhDVR>. Acesso em: 15 out. 2022.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cadernos do CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3nfzvvc>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA, Maura Leal da. **A (onto)gênese da nação nas margens do território nacional: projeto janarista territorial para o Amapá (1944-1956)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/44ohcoq>. Acesso em: 21 out. 2022.

SILVA, Glauber Paiva da. Noções de identidade de Stuart Hall e o Diálogo com o Patrimônio Cultural Imaterial. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2019. p. 1-13. (História e o Futuro da Educação no Brasil). Disponível em: <https://bit.ly/44dydRT>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. **Revista História Hoje**, [S.l.], v. 6, n. 11, p. 78-99, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3LGNh3v>. Acesso em: 08 nov. 2022.

STRIPCREATOR. Disponível em: <http://www.stripcreator.com/make.php>. Acesso em: 01 dez. 2022.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. Que músicas escolher para um CD? Seleção e organização de repertório para a aula de música na escola. **Música na Educação Básica**, Londrina, v. 8, n. 9, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3LEZw0s>. Acesso em: 14 out. 2022.

TORRINHA, Rita. Nomes curiosos lembram espaços de uma Macapá antiga viva na memória. **G1 Amapá**, Macapá, 04 fev. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/3oRIW5x>. Acesso em: 28 abr. 2023.

TOSTES, José Alberto; WEISER, Alice. Macapá: a cidade modernista do período janarista de 1943 a 1955. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, v. 1, n. 2, p. 34-53, out.-mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3LGMuQ5>. Acesso em: 02 dez. 2022.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. 2. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

ANEXOS

ANEXO A - Ladrão *Aonde tu vai rapaz* (domínio público)

### Aonde tu vai rapaz

**Refrão** — *Aonde tu vai rapaz  
Por esses caminhos sazinhos  
Eu vou fazer a minha morada,  
Lá nos campos do Lagunho*

Dia primeiro de junho  
Eu não respeito o senhor  
Eu saio gritando "briga!"  
Ao nosso governador

(refrão)

Destelhei a minha casa  
Com a intenção de retelhar  
Se a Santa Ingrácia não fica  
Com a minha não há de ficar

(refrão)

Estava na minha casa  
Conversando com companheiro  
Não tenho pena da terra  
Só tenho do meu coqueiro

(refrão)

O Largo de São João  
Já não tem nome de santo  
Hoje ele é reconhecido  
Por Barão do Rio Branco

(refrão)

Não sei o que tem o Bruno  
Que anda falando só  
Será possível meu Deus  
Que de mim não tenha dó

(refrão)

A avenida Getúlio Vargas  
Tá ficando que é um primo  
As casas que foram feitas  
Foi só pra morar os doutô

Domínio Público

*♩ = 100 (aprox.)*

**Refrão**  
*(Cantado)*

*(Cantado)*

*(Cantado)*

**Estrofe**  
*(Cantado)*

*(Cantado)*

*(Cantado)*

**Refrão**  
*(Cantado)*

em 3/4, 4/4 e 2/4

MARABAIXO, DANÇA AFRODESCENDENTE

84



